



GT 004. A Produção Indígena nos Cursos de Licenciaturas Interculturais: diálogos interdisciplinares e saberes tradicionais na educação superior

Marcos Antonio Braga de Freitas (Universidade Federal de Roraima) - Coordenador/a, Carlos Kleber Saraiva de Sousa (Universidade Federal do Ceará) - Coordenador/a

A educação superior brasileira no século XXI tem buscado novos desafios com as demandas das populações oriundas das camadas populares e de vulnerabilidade social, quilombolas, povos indígenas, entre outros segmentos sociais do país com a inclusão e o acesso às universidades a partir de políticas de ações afirmativas e cursos específicos, a exemplo da Educação do Campo e Licenciaturas Indígenas. O Ensino Superior Indígena no Brasil, tem uma história de luta, resistência e os marcos legais conquistados com a Constituição Federal de 1998 (art. 210 e 231), LDB 9.394/1996 (art. 78 e 79) e do Conselho Nacional de Educação. A educação superior indígena é uma realidade com as experiências iniciais nos anos de 2000 a 2005, a exemplo, da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Goiás (UFG); entretanto, se expandindo para outras instituições de ensino superior, tendo hoje aproximadamente 28 cursos de licenciaturas interculturais indígenas no Brasil, inclusive sendo criado em 2005, o Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas no âmbito do Ministério da Educação para fomentar essa expansão e manutenção dos cursos. A proposta do GT é discutir as experiências em curso nas universidades brasileiras no contexto das licenciaturas interculturais, sobretudo, de que forma a produção indígena tem reflexos nas escolas e comunidades indígenas.

Reflexões sobre a cultura: a experiência Tenetehara/Guajajara na Licenciatura Intercultural

Autoria: Ana Caroline Amorim Oliveira

O presente work trata sobre a experiência do povo indígena Tenetehara/Guajajara no ensino superior público através da Licenciatura Intercultural para a Educação Básica Indígena Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Esta licenciatura é fruto de uma demanda dos índios, em especial, dos Tenetehara/Guajajara para formar os indígenas professores que atuam nas escolas das aldeias. A inserção dos povos indígenas na universidade é um contexto interétnico em que distintas lógicas culturais, os diferentes regimes de conhecimento ocidental e os regimes de conhecimento tradicionais indígenas estão em relação proporcionando uma reflexividade pelos próprios índios. (CARNEIRO DA CUNHA, 2009). O curso iniciou com três turmas divididas pelo critério linguístico: duas turmas em língua Tupi e uma turma em língua Macro Jê. A licenciatura utiliza como metodologia a pedagogia da alternância a qual se caracteriza por dividir o curso em dois momentos distintos e inter-relacionados: o Tempo Universidade e o Tempo Comunidade. No primeiro tempo os cursistas assistem aulas na universidade e no segundo tempo os monitores, auxiliares dos docentes nas disciplinas, vão às comunidades acompanhar os cursistas nas suas atividades acadêmicas. O campo foi caracterizado pela observação participante nas aulas, nas reuniões, pelas conversas informais com os cursistas Tenetehara/Guajajara, em especial, da Terra Indígena Araribóia, pela ida ao Tempo Comunidade, conversas informais com os docentes que ministravam disciplinas no curso e com a coordenação do curso. A apropriação pelos professores Tenetehara da demanda da educação superior para índios, a luta por uma licenciatura que fosse específica para eles na universidade afirmada enquanto o "projeto deles", dos povos indígenas, inverte uma relação de imposição característica da educação escolar para os índios. Ao mesmo



tempo que inventa uma nova relação com a educação não-indígena. Podemos compreender essa inversão e invenção enquanto uma indigenização da modernidade como afirma Marshall Sahlins (1997). A licenciatura promoveu debates sobre a própria cultura Tenetehara entre eles mesmos através de um processo reflexivo sobre a cultura. As disciplinas foram sendo apropriados pelos Tenetehara a partir das suas próprias questões vivenciadas em suas respectivas comunidades. Mesmo em vários momentos os professores formadores tentando encontrar alguma generalidade os Tenetehara encontravam suas próprias compreensões a partir de suas lógicas próprias. Assim, a licenciatura intercultural permitiu a possibilidade dos Tenetehara pensarem sobre a sua própria cultura com aspas num processo de enunciação e reflexão identificando as aproximações e distanciamentos dentro do seu povo.



Realização:



Apoio:



Organização:

